

OS AUTORES CLÁSSICOS E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO MODERNO DE INFÂNCIA.

THE CLASSICAL AUTHORS AND THEIR INFLUENCE IN THE CONSTRUCTION OF THE CHILDHOOD'S MODERN CONCEPT

Alessandra Elizabeth Ferreira Gonçalves PRADO¹

RESUMO

Este artigo pretende evidenciar a importância do delineamento conceitual na formação do professor de educação infantil. Busca analisar as relações entre o saber deste professor e sua pesquisa, demonstrando a necessidade da reflexão filosófica nesse contexto. Assim, enfatiza a importância de conhecer os autores clássicos que influenciaram a construção do conceito de infância até chegar a Philippe Áries, considerado um clássico moderno no estudo histórico e social da infância.

Palavras-chave: Autores clássicos. Reflexão filosófica. Infância.

ABSTRACT

This article aims to highlight the importance of conceptual design in childhood's teacher education. Explores the relationship between teacher's knowledge and his research, demonstrating the need for philosophical reflection in this context. Thus, it emphasizes the importance of knowing the classical authors that influenced the construction of the childhood's concept until the Philipe Aries, considered a modern classic in the historical and social study of childhood.

Keywords: *Classical authors. Philosophical reflection. Childhood.*

¹ Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Rod. Dom Pedro, Km 136 Pq. das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil. E-mail: <alepousoalegre@terra.com.br>.

INTRODUÇÃO

As influências culturais sobre a construção da infância foram muitas e diversificadas, com contribuições da Antiguidade Clássica, dos invasores bárbaros, do humanismo e, acima de tudo do cristianismo (HEYWOOD, 2004, p. 57).

O que significa precisar os conceitos que se estuda em uma pesquisa? Tal questão encontra-se diretamente ligada à produção textual contida em um trabalho de pesquisa. Se pensarmos sobre a Formação do Professor na Educação Infantil, a pesquisa precisa estar envolvida com a construção e desenvolvimento de sua profissionalidade docente. O saber deste professor e sua pesquisa devem pressupor a necessidade de reflexão filosófica, intrínseca nesse contexto. As questões envolvidas com o delineamento conceitual jamais devem ser excluídas da pesquisa em educação. Assim, o professor da educação infantil, além dos conhecimentos referentes à infância deve pesquisar e buscar conhecer os conceitos que embasam sua prática pedagógica, especialmente, o conceito de infância. Por isso, é tão importante compreender os estudos de autores da Antiguidade, cujos conceitos e métodos, trouxeram contribuições para o nosso pensamento atual. No que se refere à educação infantil, o conceito de infância é parte de um constructo teórico-social.

Desde a Grécia antiga os filósofos vêm se dedicando a elaborar teorias que a partir de determinado método, buscam compreender o mundo circundante. No caso do pensamento pedagógico, a partir de Sócrates (439-399 a.C.), os pensadores têm se dedicado a esse empreendimento, ora partindo de Platão (com Santo Agostinho, Descartes, Rousseau, Husserl, John Dewey etc.), de base idealista, ora partindo de Aristóteles, 384-322 a.C. (Tomás de Aquino, Francis Bacon, John Locke, Karl Marx, Vygotsky, Paulo Freire etc.) de base realista.

OS AUTORES CLÁSSICOS E A IMPORTÂNCIA DO MÉTODO

Em sua obra *O Banquete*, Platão (428-347 a.C.), nos demonstra o método Socrático, através da narrativa fundamentada no diálogo. O texto narrado nos coloca junto aos amigos filósofos e também interlocutores do texto, cujo tema de discussão é o amor. Nesse contexto, cada filósofo segue tecendo o próprio pensamento, um após o outro, buscando perceber a natureza desse amor. Cabia ao filósofo que participava do diálogo, demolir o argumento do outro, sendo assim irônico. Isso é claramente mostrado durante o banquete quando Sócrates começa a discorrer sobre o amor e se contrapõe às colocações de Agatão. Primeiro ele utiliza a ironia (fazendo perguntas, ao ponto de Agatão afirmar nada saber) e depois Sócrates o deixa dizendo: “Eu a ti te deixarei agora; mas o discurso que sobre o amor eu ouvi um dia, de uma mulher de matinéia, Diotima... e era ela que me instruíra nas questões do amor” (PLATÃO, 2009, p.19). Assim, prosseguindo no seu método, a *maiêutica*, ele traz a fala de Diotima e seus conceitos sobre o amor. E, justamente, por ser fiel ao seu modo de buscar a verdade, acabou sendo preso e condenado à morte. Curiosamente, foi Agatão, um dos que o acusaram.

Segundo Hessen (1987), Sócrates é chamado criador da filosofia ocidental (visão de si), seu pensamento e energia eram voltados à edificação da vida humana sobre a base da reflexão e do saber, uma auto-reflexão do espírito a respeito dos mais altos valores teóricos e práticos, do verdadeiro, bem e belo. Quanto a isso, em *A República* Platão cita a seguinte frase de Sócrates: “não te envergonhes de pensar em acumular o máximo de riquezas, fama e honras, sem te preocupar em cuidar da inteligência, da verdade da tua alma, para que se tornam tão boas quanto possível” (2001, p.82). O pensamento filosófico a partir de Sócrates é aquele que dialoga com o outro, quando assim nos causa estranheza, para podermos entender a origem do que fazemos. Sendo ético, mas

representando o questionamento como premissa filosófica, conseguiremos compreender e respeitar a construção conceitual como obra histórica, real, humana e profundamente necessária em uma pesquisa. Basta uma curta apreciação ao pensamento de alguns autores para entender a importância dada aos conceitos trabalhados por eles.

No seu livro, *Ética a Nicômaco*, Aristóteles (2007) e seu método silogístico (e suas premissas) trabalha com conceitos como virtude, amizade, felicidade, ou seja, questões inerentes ao ato moral. Aliás, Francis Bacon, com seus aforismos (pequenos conceitos), estrutura sua obra e explica seu método experimental que contrapõe o método de Aristóteles. Segundo esse autor e em sua obra *Novum Organum*, no Aforismo de número 1 “O Homem, ministro e intérprete da natureza, faz e entende tanto quanto constata, pela observação dos fatos, ou pelo trabalho da mente; sobre a ordem da natureza; não pode nem sabe mais”.

Para Bacon o método científico é experimental e não há como fazer ciência sem a participação de um grupo. Devo assim me libertar dos conceitos já estabelecidos, em uma pesquisa, de caráter coletivo. Necessário e importante é considerar sob suspeita os nossos próprios conceitos ou pré-conceitos.

Quanto a isso, um elemento chave do método cartesiano é a dúvida. Em sua obra, o discurso do método, Descartes (2006), mediante análise, aliada a decomposição do próprio pensar, acredita poder se aproximar da verdade. Os conceitos são construídos através da evidência que me dará condições de análise para formar juízos verdadeiros sobre as coisas. Há em Descartes uma hierarquia do pensamento, a verdade é descoberta pela dúvida e através da própria razão, com bom senso, o que ele chama “longas cadeias de razão”.

Seu pensamento racional se opõe ao de Aristóteles na medida em que Aristóteles discernia, distinguia e comparava sendo que Descartes assume uma atitude polêmica frente a tradição, porque desenvolve uma mentalidade

crítica perante esta. Na verdade, ele não desconsiderava as construções coletivas, ao contrário entendia que os trabalhos deveriam ser somados, considerando os feitos anteriormente para que pudéssemos ir mais além, “por causa de uma infinidade de experiências que preciso o que é impossível fazer sem auxílio de outros” (DESCARTES, 2006, p.91). Assim, é preciso compreender, nesse breve citar de tais autores clássicos, que eles se debruçaram sobre a realidade circundante. Não é objetivo desse artigo descrever em detalhes tais conceitos e métodos, mas entender que todos os autores na construção do pensamento aqui delimitado pedagógico, jamais desconsideraram a importância do método, seja ele com base nas idéias ou na materialidade. Ainda mais, todos consideraram em seus estudos o importante delineamento dos conceitos.

Um exemplo de discussão conceitual na área da Educação Infantil está na obra de Ariès (1978), cuja premissa é a modernidade do sentimento de infância.

Aliás, se nos reportarmos ao tempo atual e pensarmos sobre a infância podemos identificar muitas características que diríamos serem próprias de crianças. Sem dificuldade, é possível citar a inocência, a fantasia e a espontaneidade como concepções que já temos construídas sobre elas. Ou seja, a sociedade enxerga a criança como diferente do jovem ou do adulto não apenas no tamanho, mas também na graça e ingenuidade que lhes são peculiares. Enfim, a maneira como uma criança é vista faz parte de um constructo social, que nos acontecimentos da história e em diferentes contextos, tiveram contribuições na evolução da forma como concebemos a infância (AZEVEDO, 2005).

Dessa forma, a construção da noção de infância pode ser considerada como contemporânea, entretanto encontrava-se presente desde Platão a caminho da pedagogia Cristã de Santo Agostinho e vindo em nossa direção sob influência cartesiana. Continuamos nesse percurso junto ao renascimento de Montaigne até a visão romantizada de infância em Rousseau. O sentido contemporâneo chega

até nós com as marcas dos tempos e dos contextos de autores que falam da infância desde a Antiguidade.

A formação de professores de educação infantil não pode, desta forma, prescindir do estímulo à reflexão filosófica sobre o conceito de infância, na busca de compreensão desta etapa da vida do indivíduo e da organização da educação a ser a ela oferecida.

Ora, para irmos além, na compreensão da infância precisamos, conforme Descartes, assumir posição crítica perante a tradição e reconhecer que a criança de hoje apresenta características distintas daquela da antiguidade, postura fundamental a um professor de educação infantil.

ARELAÇÃO ENTRE CONCEITO DE INFÂNCIA E ANTIGUIDADE

Com essa reflexão preliminar e propondo uma análise junto aos autores da antiguidade é possível estabelecer relações entre seu pensamento e a construção do conceito de infância. Assim perceber algumas contribuições nessa construção.

Dentro do projeto político e filosófico de Platão, havia a partir da perspectiva platônica, o conceito de infância. Seriam assim, quatro traços principais de tal conceito:

- a) como possibilidade (as crianças podem ser qualquer coisa no futuro);
- b) como inferioridade (as crianças... são inferiores em relação ao homem adulto cidadão);
- c) como superfluidade (a infância não é necessária à polis);
- d) como material da política (a utopia se constrói a partir da educação das crianças (KOHAN, 2003, p.11).

Segundo Kohan (2003), Platão retratou a infância dando-a forma. Na visão de Platão, notadamente da história política que o antecedeu,

onde ele viu companheiros juvenis como Alcibiades e Crítias tornarem-se inescrupulosos, vendo Atenas sendo socialmente construída longe daquilo que ele idealizava, o fez assim pensar, em uma suposta intervenção com alguns cidadãos. Esses cidadãos que, “na cidade, se quiser ser administrada na perfeição, haverá comunidade das mulheres, dos filhos e de toda a educação” (Platão, 2001, p.239). Havia assim, um projeto de educação em Platão e certamente esse projeto tinha em sua base a educação das crianças.

Não compreendes [...] que primeiro ensinamos fábulas às crianças? Ora, no conjunto, as fábulas são mentiras, embora contenham algumas verdades. E servimo-nos de fábulas para as crianças, antes de as mandarmos para os ginásios [...] começar pela música antes da ginástica [...] em qualquer empreendimento, o mais trabalhoso é o começo, sobretudo para quem for novo e tenro? Pois é, sobretudo, nessa altura que se é moldado, e se enterra a matriz que alguém queira imprimir a uma pessoa (PLATÃO, 2001, p.65).

Para Platão, as mães deveriam ser persuadidas a moldar as almas das crianças por intermédio das fábulas, para assim poder colher frutos através das sementes que foram plantadas. Por isso, para Platão, a infância é importante porque pode ser conduzida para a virtude, se devidamente assim o for. Para Kohan (2003), a realidade histórica é complexa e não cabe aqui acusar Platão de “*adultocêntrico*”, seria por demais superficial tal análise, a intenção é perceber que Platão pensou a infância e as contribuições de seu pensamento sobre esse tema nos ajudam a entender a história dos pensamentos filosóficos.

A Infância é etapa fundante na vida humana para Kohan (2003), e ainda mais, quando devidamente conduzida, sua educação poderá prover a sociedade na garantia de um “futuro” cidadão prudente. É o que o autor chama de traço de possibilidade, naquilo que a criança

poderá vir a ser no futuro. Ou seja, um adulto, dotado de razão, verdadeiro cidadão da Pólis.

Com influência Platônica, Santo Agostinho se opunha às teorias de cunho empirista. Em sua célebre obra *De Magistro*, produz sua teoria da educação, onde refletiu sobre a origem do conhecimento e os métodos necessários para se chegar a verdade. Portanto, é com base na razão humana, que o autor vai buscar explicar seu método. Para Agostinho, conhecer é recordar e aprender é descobrir “em si” algo que já estava presente sem a consciência disso. São palavras desse autor nessa obra “[...] que vê coisas verdadeiras, ensino algo dizendo-lhe a verdade, porque aprende não pelas minhas palavras, mas pelas próprias coisas, que a ele interiormente revela Deus”. Como a sabedoria estava em Deus, pela fé seria possível alcançá-la. O professor, mediante interrogações deveria auxiliar o aluno a se lembrar e discernir. Ou seja, Agostinho previa uma educação onde o aluno conheceria a verdade não pelo professor, mas por contemplar a revelação da verdade vinda de Deus. Segundo Ghiraldelli Jr (2000), Santo Agostinho enxergava a criança como alguém imersa no pecado, pois esta não possuía linguagem, e assim, desprovida da razão. Para ele a razão era um reflexo de Deus em nós, de sua infinita sabedoria. Sobre a criança, ele a via como um animal, selvagem e egoísta. Sendo assim, incompleto o que careceria uma instrução que corrigiria tais desvios.

Nesse sentido, Descartes propunha que, quanto mais cedo deixássemos de ser criança, melhor seria, pois as imaginações típicas das crianças atralhariam o domínio da razão.

Tanto Platão quanto Santo Agostinho e Descartes, percebiam a criança como aqueles que precisavam da razão, ou seja, como racionalistas os enxergavam pela ótica da incompletude.

Na perspectiva humanista o autor francês Montaigne (século XVI) é considerado o fundador do gênero “ensaio”, sendo visto como pessimista e cético no que se refere à sociedade de sua época. Aliás, este autor vivia em uma realidade

onde havia muitos conflitos religiosos. Com isso, escreveu sobre muitos assuntos os quais permaneciam em sua forma de escrita espontânea e voltada aos próprios conflitos. O tema criança não esteve alheio a esse autor. Segundo Ghiraldelli Jr. (2000), Montaigne foi um dos autores que inauguraram a crítica a uma concepção de infância cujas questões envolviam a indiferença e a chamada paparicação relacionadas às crianças. Nesse sentido Montaigne influencia Rousseau com sua afirmação de bondade natural do ser humano.

Para Rousseau, havia uma visão idealizada de homem, uma Educação Romântica para a criança, na crença em sua bondade natural. Seria a criança criada por seu preceptor, distante da sociedade sendo que sua natureza não seria corruptível, por ser ela naturalmente boa. A educação para ele deveria levar o homem a agir por interesses naturais e não por imposição de regras exteriores, logo artificiais. Na sua obra o *Emilio*, Rousseau (1999) expõe que existem três tipos de educação: a da natureza (desenvolvimento interno do homem), a dos homens (faz uso do desenvolvimento natural) e a das coisas (o que adquirimos sobre as nossas experiências). O ideal, segundo o autor é a junção dessas três formas. Rousseau (1999, p.78) fala em manter a criança na dependência das coisas, não para obedecer, mas para compreendê-las, “Conservai a criança unicamente na dependência das coisas, e tereis seguido a ordem da natureza, no progresso de sua educação”.

Assim, partindo dessa possibilidade de uma educação natural, Rousseau (1999, p.86) vai desenvolver a sua noção de infância: “A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprias, nada é menos sensato do que substituir tais maneiras pelas nossas, então usai a força com as crianças e a razão com os homens, essa é a ordem natural”. Assim, seguindo essa ordem natural, a criança deveria ter a liberdade para se exercitar e aprender a ser dono de suas próprias necessidades. A criança poderia enfim superar sua dependência em relação aos outros. Ele possui uma definição

sobre a infância: essa fase seria a da curiosidade, da alegria, o aprender seria mediado pelos sentidos e em contato com as coisas (experiência).

Rousseau pode ser considerado como o filósofo que organizou um pensamento sobre a infância. Isso não significa que ela não fora pensada antes, a exemplo de Platão, de Santo Agostinho, de Descartes, Montaigne. Em todos casos, os autores idealizaram um tipo de criança em determinada sociedade. Para Platão a criança bem conduzida seria o futuro cidadão ético da pólis. No caso de Santo Agostinho, apesar de selvagem, a criança deveria ter uma pessoa que o orientasse no sentido de trazer a luz sua razão (presente na sabedoria vinda de Deus), para Descartes a infância é um período que deve ser breve, para que os erros possam diminuir. Montaigne acreditava que as crianças seriam tiradas de sua naturalidade ao serem exageradamente paparicadas. Rousseau se ocupou em escrever um tratado de Educação Humana (com Emílio) e, contudo, apesar de ser considerado Romântico propõe um novo tipo de homem. Ou seja, tais autores tinham em comum a visão da criança dentro da possibilidade do “vir a ser”. Alguém que não está pronto e, portanto, ainda não é.

Quais seriam, então, as implicações dessas idéias para a educação da infância desta época? E, de forma mais pontual, para a formação do professor de educação infantil?

A concepção de infância é a grande estruturadora do fazer pedagógico de um professor de educação infantil, ou seja, a maneira como concebemos a criança é que direciona nossas ações educativas. Se pensarmos na criança apoiados em Rousseau, como um ser que se desenvolve naturalmente, o papel do professor será apenas o de organizador das suas experiências, que pouco interfere na sua maneira própria de ver, pensar e sentir. Por outro lado, se superarmos tal visão romântica de criança, o trabalho pedagógico toma outro direcionamento, qual seja, aquele mais adequado à concepção que se tem.

ARIÈS E O “SENTIMENTO MODERNO DE INFÂNCIA”

Esse retorno ao pensamento dos filósofos da antiguidade sobre a criança revela, aos nossos olhos “modernos”, um sentimento de repugnância em relação ao que elas ‘ainda não tinham’. Melhor seria se pudessem nascer adultas, já de posse do pleno uso da razão (AZEVEDO, 2005, p. 22).

Esses clássicos da antiguidade não foram considerados na obra de Ariès a qual trata da história social da criança. O referido autor busca registros iconográficos da época para circunscrever o sentimento em relação à infância (logo os conceitos a ela atribuídos) ao longo dos séculos. Ele pretende, nessa obra *História social da criança e da família*, originalmente de 1960, interpretar as sociedades tradicionais, mostrando assim o novo lugar assumido pela criança e a família em nossas sociedades industriais. Segundo Ariès (1978), até por volta do século XII a infância era ignorada, isso pode ser demonstrado através da arte medieval. Contudo, ao menos no século XIII surgiram três tipos de crianças: o Anjo, o menino Jesus e a criança nua. Nos séculos XV e XVI a criança deixaria de ser uma visão religiosa e passaria a ser uma visão leiga. No século XVIII o que Ariès chama de “o último episódio da iconografia infantil” seria a nudez decorativa. Segundo Ariès, (1978, p.68):

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais do seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII.

Assim, Ariès (1978, p.186) diz identificar dois sentimentos da infância:

[...] sendo que o primeiro, difundido e popular, a “paparicação”, limitava-se às primeiras idades e correspondia à idéia de uma infância curta; o segundo, que exprimia a tomada de consciência da inocência e da fraqueza da infância [...] dever dos adultos de preservar a primeira e fortalecer a segunda.

Segundo Kuhlmann Jr (1998), a visão de desenvolvimento histórico em Ariès, mesmo que relevante, é uma visão linear. Para o autor, muitos estudos estariam identificando que o sentimento de infância no Brasil “desabrochou” no final do século XIX, vivendo um processo parecido ao da França do século XVII relatados na obra de Ariès.

Esses estudos não consideram que os sinais do desenvolvimento de um sentimento de infância, da forma como analisa Ariès, estiveram presentes no Brasil já no século XVI, quando os jesuítas desenvolveram a estratégia de sua catequese alicerçada na educação dos pequenos indígenas e trouxeram crianças órfãs de Portugal (KULHMANN Jr, 1998, p.22).

Como dito anteriormente, Ariès intenciona mostrar o novo lugar assumido pela criança e pela família na sociedade industrial que surgia.

Segundo Azevedo (2005), Ariès fala de dois fatos que marcam tal mudança: um é a escola como lugar de aprendizagem e a criação da família burguesa como lugar de afeto. A mesma autora, cita Corazza, dizendo que esta, em seu percurso pela história da infância, encontra outros estudos como o de Pollock, Sears, Hoyles, De Mause, Stone e Tucker, que são unânimes em dizer que:

[...] o conceito de infância se modifica ao redor do século XVII influenciado pelos seguintes fatores: 1) emergência de um sistema de educação; 2) mudanças na estrutura familiar; 3) desenvolvimento do capitalismo; 4) surgimento de um espírito

de benevolência; 5) aumento da maturidade emocional dos pais. Esse conceito torna-se mais elaborado durante os séculos XVIII e XIX, quando a criança é considerada um componente essencial da família e da sociedade e seus direitos passam a ser protegidos pelo Estado (p.29).

Para Heywood (2004), parece muito simplista falar sobre a infância no que se refere à ausência ou não de uma consciência a respeito desse tema. O papel de Ariès é muito importante no que diz respeito a introduzir tal tema tentando conduzi-lo com o olhar do passado para continuar assim estudando. “Uma abordagem mais frutífera é buscar essas diferentes concepções sobre a infância em vários períodos e lugares, e tentar explicá-las à luz do material e das condições culturais predominantes” (HEYWOOD, 2004, p.27).

Assim, para o referido autor alguns temas são importantes considerar na história cultural da criança, a saber: impureza/inocência; o inato e o adquirido; independência/dependência; idade/sexo, enfim, a maioria das sociedades ocidentais divide a vida de uma pessoa em etapas, considerando as características particulares ao invés de considerá-las em uma trajetória única.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a criança na sua temporalidade é entender que ela é um sujeito histórico e não uma equação matemática simplificada, que facilitaria assim, os questionamentos essenciais que são histórico-filosóficos, portanto culturais e complexos.

As influências de cada cultura foram muitas e conforme já dito, são muito complexas para serem todas percebidas nesse artigo. No entanto, nos foi possível buscar contribuições desde o aumento pelo interesse sobre a infância, podendo citar o “animal infantil” de Santo Agostinho, o Romantismo de Rousseau, do

futuro cidadão da Pólis de Platão e, em ambos, apesar de visões diferentes, também aquele que “viria a ser”, como alguém ainda desprovida de razão. Enfim, são muitos acontecimentos que “influenciaram, e, por sua vez, seriam influenciados, pelos métodos de criação de crianças, pelo trabalho infantil, pelas medidas de bem-estar materno e pela educação” (HEYWOOD, 2004, p.57).

Contudo, é importante salientar que os estudos sobre a educação infantil são recentes, mas, são de longa data as tentativas de representação da infância, das fases da vida, pois desde que podemos alcançar com nossas memórias (registros históricos), podemos perceber que na antiguidade já havia uma determinada visão para essa etapa inicial.

O professor designado a ensinar crianças não pode estar alheio às condições históricas, filosóficas e sociais presentes inclusive na sua maneira de pensar enquanto profissional. Faz parte de sua formação o aprendizado com pesquisa. Esta deva estar pautada na escolha de métodos seguros onde os conceitos precisam estar adequadamente fundamentados. A exemplo de Sócrates, devemos sempre dialogar com outros conceitos, comparando-os com os nossos a fim de buscar as escolhas mais adequadas. O olhar crítico do professor permite perceber a complexidade envolvida com a sua profissionalização. Com um olhar ingênuo e romantizado fica difícil perceber como é complexa a construção do conceito de infância. Tais conceitos não podem estar alheios aos acontecimentos do passado, aliás, são fundamentalmente os diversos contextos, culturas e construções do pensar que nos ajudam a compreender as premissas a serem consideradas no desvelar de uma pesquisa.

Não estamos sozinhos, “a leitura de todos os bons livros é como uma conversa com os mais puros gênios dos séculos passados... eles nos transmitem os seus melhores pensamentos” (DESCARTES, 2006, p.32).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *De magistro*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.com.br>>. Acesso em: abr. 2009.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

AZEVEDO, H.H.O. *Formação inicial de profissionais de educação infantil: desmistificando a separação cuidar educar*. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Piracicaba, Piracicaba, 2005.

BACON, F. *Novum Organum*. Disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis>>. Acesso em: mar. 2009.

DESCARTES, R. *Discurso do método*. São Paulo: Ícone, 2006. (Coleção Fundamentos do Direito).

GHIRALDELLI Jr, P. *Os nomes de infância*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. 7. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1987. p.29-68.

HEYWOOD, C. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KOHAN, O.W. Infância e educação em Platão. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p.11-26, 2003.

KUHLMANN Jr., M. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

PLATÃO. *O Banquete*. Disponível em: <<file:///site/livrosgratis/obanquete.htm>>. Acesso em: mar. 2009.

ROUSSEAU, J.J. *Emílio ou da educação*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Recebido e aceito para publicação em 18/12/2009.